

Mulheres feministas e suas práticas editoriais: uma perspectiva decolonial¹

Cecília Fernandes de CASTRO²

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG

Resumo

Sob a perspectiva feminista decolonial, este artigo apresenta um recorte preliminar de minha pesquisa, em que pretende apresentar e fazer uma breve análise de quatro casas editoriais com projetos declaradamente feministas, a saber: Editora Luas e Macabéa edições, Brasil; El mismo mar ediciones e La mariposa y la iguana, Argentina. Por meio dos *sites* e redes sociais das editoras, apresentaremos e faremos uma breve análise de seus respectivos projetos e catálogos, demonstrando uma práxis feminista comprometida com uma prática também decolonial.

Palavras-chave: mulheres; edição; *abya yala*; feminismo decolonial

“Sabemos que nestes tempos tão complexos, não existem respostas prontas, e apostamos que as práticas apontam os caminhos, os limites e as contradições (...)” (SOF, 2017, p. 6).

INTRODUÇÃO

A partir da minha experiência como editora feminista brasileira, apresento aqui um recorte preliminar da minha pesquisa – em que faço uma cartografia inicial de editoras e publicadoras contemporâneas que tenham um projeto declaradamente feminista em *Abya Yala*³, sob a perspectiva feminista decolonial, buscando compreender suas trajetórias (projetos, modos de fazer, publicações, desafios e conquistas) no âmbito da edição e publicação de textos de interesse coletivo das mulheres. A partir desta cartografia, foram selecionadas algumas editoras do Brasil e da Argentina para estudos de caso – o recorte desses países foi devido ao histórico forte de ações de mulheres organizadas, dos movimentos feministas, e por sua proximidade geográfica e histórica. A pergunta norteadora da pesquisa é: existem características no desejo e modo de fazer

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Pesquisa – Produção Editorial do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos e Linguagens do CEFET-MG, e-mail: ceciliafcastro86@gmail.com.

³ *Abya Yala* vem da língua do povo Kuna, termo utilizado por líderes e comunicadores indígenas para se referir ao que conhecemos por América Latina, nome este dado pelo colonizador. O termo vem sendo cada vez mais utilizado por intelectuais decolonialistas. Sobre o termo, ver: Celentani, 2014, p. 23.

dessas mulheres editoras que possam configurar uma “Abya Yala toda feminista”⁴ no âmbito editorial?

Vivemos um contexto de reflexões e ações dos movimentos feministas que possibilitaram transformações sociais, políticas e econômicas na vida das mulheres, principalmente a partir de 1950 em toda Abya Yala. Como consequência, apesar da persistência das diferenças de classe e raça, de modo geral, as mulheres passaram a existir como indivíduo humano responsável por si perante a lei, puderam frequentar escolas, exercer profissões até então proibidas a elas, escrever e publicar livros, fundar editoras etc.

Com isso, ao longo dos anos, surgem diversas necessidades de expansão e criação, entre elas a de publicar temas ansiados pelas mulheres, de resgatar obras de autoras historicamente invisibilizadas, de promover o protagonismo feminino e diminuir as diferenças por questões de gênero. Assim, houve um aumento exponencial de publicadoras e editoras fundadas por mulheres, com projeto feminista (declarado ou não). Essa diferenciação existe devido a casas editoriais, fundadas por mulheres, com publicações voltadas para a temática, mas que não se autointitulam feministas. Acredito que este movimento está relacionado a uma série de questões, inclusive mercadológicas, fazendo com mulheres editoras ponderarem, talvez com receio de se comprometer politicamente.

Dessa forma, entendo que há uma série de percursos editoriais que, apesar de sua práxis, não utilizam do critério da autointitulação feminista. Sobre essas editoras, em crescimento exponencial desde a década de 1980, reconhecemos sua imensa contribuição para a bibliodiversidade, para a construção de uma crítica e um diálogo feminista coletivo histórico, entre outros aspectos. Porém, para a minha pesquisa, o objetivo principal é fazer um levantamento inicial de editoras e publicadoras – ou seja, não necessariamente tenha uma casa editorial, mas publicam por meio de coletivos, grupos de estudos, entre outras formas de fazer a publicação circular – que tenham um projeto editorial declaradamente feminista e verificar entre elas se seus projetos vão além de publicações, como são suas práticas discursivas, políticas e criações engajadas

⁴ Referência ao grito das milhares de mulheres em marcha, no 8M em 2020, que ecoou em diversos países da América Latina: “Se cuida, fascista, a América Latina será toda feminista”, devido aos contextos de ascensão fascista na política e ao aumento da violência contra as mulheres e de práticas políticas, institucionais e sociais antifeministas. Para mais informações sobre o assunto, ver: “A AMÉRICA Latina será toda feminista”. **El País Brasil**, 9 mar. 2020. Disponível em: <https://outraspalavras.net/outrasmidias/a-america-latina-sera-toda-feminista/>. Acesso em: 26 maio 2023.

com questões que dizem respeito às mulheres: direitos, acessibilidade, reparação histórica, lugar de fala etc. –, estudá-las e criar um elo entre nós. Como sujeita pesquisadora e editora feminista, me incluo inteira nesta pesquisa por entender que o encontro entre pesquisadora-editora e editoras e publicadoras feministas é também um elemento motivador desta pesquisa, fazendo com que, através dela, seja possível articulação e mobilizações criativas entre as partes envolvidas para além da pesquisa.

A perspectiva norteadora aqui é pensar que um editorial feminista pretende uma prática decolonial, que não só contribui para a bibliodiversidade regional e, em alguns casos, para além das fronteiras, como estão em constante avaliação/transformação dos seus modos de gerir, criar, produzir, divulgar, vender, a partir de uma revisão individual e coletiva de práticas coloniais que envolvem o modo de fazer livros, o mercado editorial, a valorização de gêneros específicos em detrimentos de outros, a construção dos cânones, os formatos das premiações e a exclusão de mulheres nesses espaços etc. Espaços, muitas vezes, em que poucas mulheres conseguiram adentrar, e talvez o movimento atual seja de não necessariamente desejar ocupá-los, mas de criar outros espaços possíveis. Ou seja, o que essas editoras feministas estão pensando, confabulando, desejando, criando (e quais suas limitações também), praticando para transformar essa realidade – pensando que a prática dessas mulheres editoras feministas está de acordo com outro modo de ver e ser, baseada num pensamento crítico que questiona os paradigmas postos sob uma perspectiva europeia, colonialista, patricapitalista e racista. Minhas reflexões partirão do ponto de vista da experiência, como aponta Ochy Curiel Pichardo:

A descolonização, para algumas feministas, [se trata de uma] posição política que atravessa o pensamento e a ação individual e coletiva; nossos imaginários, nossos corpos, nossas sexualidades, nossas formas de atuar e de ser no mundo e que cria uma espécie de “marronagem” intelectual, de práticas sociais e de construção de pensamento próprio de acordo com experiências concretas (Pichardo, pg. 328, tradução nossa)⁵.

Com isso, pretendo demonstrar a relevância de publicadoras feministas contemporâneas para fomento e progressão do protagonismo intelectual e artístico das

⁵ Trecho original: “La descolonización para algunas feministas [se trata de una] posición política que atraviesa el pensamiento y la acción individual y colectiva; nuestros imaginarios, nuestros cuerpos, nuestras sexualidades, nuestras formas de actuar y de ser en el mundo y que crea una especie de ‘cimarronaje’ intelectual, de prácticas sociales y la construcción de pensamiento propio de acuerdo a experiencias concretas”.

mulheres, a importância dessas editoras e suas produções para a valorização e divulgação da produção intelectual e artística das mulheres, bem como a importância de nosso protagonismo editorial (atualização e criação de pautas, temas, críticas, epistemologias, sob perspectivas libertárias, em respeito à diversidade, pensar outros modos de existir e fazer que não sob um sistema patricapitalista racista colonialista). Para isso, na minha pesquisa maior, as editoras e publicadoras selecionadas serão analisadas a partir de suas práticas editoriais e políticas e da relevância de seu catálogo para a comunidade interessada nas discussões feministas e escrita de mulheres. Serão realizadas, além da análise dos catálogos e de como se apresentam publicamente em seus *sites* e redes sociais, entrevistas semiestruturadas.

Para este trabalho, será brevemente apresentado o levantamento inicial de editoras/publicadoras em Brasil e Argentina e, mais especificamente, quatro projetos editoriais selecionados para estudos de caso iniciais, a saber: Editora Luas e Macabéa edições, Brasil; El mismo mar ediciones e La mariposa y la iguana, Argentina; cujos projetos são declaradamente feministas e têm outras aproximações. Será feito um levantamento dos discursos e catálogos dessas editoras, a partir de *sites*, redes sociais, entrevistas das editoras-fundadoras, para compreender suas trajetórias – projetos, modos de fazer, desafios e conquistas – no âmbito da edição e publicação de textos de interesse coletivo das mulheres. Serão apontados contextos e situações de produção, bem como as temáticas e os gêneros publicados.

POR QUE FEMINISMO DECOLONIAL?

A teoria feminista, hoje, abrange diversas vertentes que buscam analisar criticamente as frentes de opressão que atingem as mulheres, mas não só. A mais atual delas é o Feminismo decolonial. Por este termo, criado por María Lugones, simplificadamente, entende-se que a categoria de gênero foi criada junto com a de raça no momento da colonização (2014) e que, diferente do que nos foi ensinado pelo discurso hegemônico, o processo de colonização foi, e segue sendo, devido à colonialidade contínua, de opressão e resistência.

Em se tratando de práticas feministas, toda forma de ação individual e/ou coletiva contribui para mudanças sociais no plano micro ou macro. Assim afirma Margareth Rago (2013, p. 28) ao apontar a importância de “dar visibilidade a práticas e modos de ação política e cultural menos perceptíveis e analisados, mas não menos

importante e impactantes”. Aqui, ela destaca a importância de mulheres feministas que cada uma a seu modo, em seu contexto possível, vive “experiências intensas, miúdas e constantes de construção de outros modos de pensar, agir e existir em prol da autonomia feminina”.

O que me interessa aqui e agora são os modos de resistência das mulheres contemporâneas que atuam na área editorial e que têm um projeto declaradamente feminista, ou seja, existe uma preocupação explicitamente política em sua atuação. E essa atuação é vivida como um modo de resistência, uma atuação de luta feminista dessas mulheres editoras. Como disse anteriormente, muitas são as editoras fundadas e/ou dirigidas por mulheres que até têm uma práxis feminista, mas não majoritariamente, e não apresentam um discurso político explícito, e, portanto, talvez vivem uma experiência de resistência mais amenizada. Porém, não vou aqui me deter nelas, para esta pesquisa, essas não me interessam.

A partir do que foi exposto até aqui, trago ainda mais uma reflexão da Lugones, para justificar a importância social de nossa atuação como editoras feministas que atuam para transformar a sociedade:

Não se resiste sozinha à colonialidade do gênero. Resiste-se a ela desde dentro, de uma forma de compreender o mundo e de viver nele que é compartilhada e que pode compreender os atos de alguém, permitindo assim o reconhecimento. Comunidades, mais que indivíduos, tornam possível o fazer; alguém faz com mais alguém, não em isolamento individualista. O passar de boca em boca, de mão em mão práticas, valores, crenças, ontologias, tempospaços e cosmologias vividas constituem uma pessoa. A produção do cotidiano dentro do qual uma pessoa existe produz ela mesma, na medida em que fornece vestimenta, comida, economias e ecologias, gestos, ritmos, habitats e noções de espaço e tempo particulares, significativos (Lugones, 2014, p. 949).

Trazer a lente feminista decolonial para minha pesquisa, para pensarmos os processos e produtos editoriais contemporâneos de mulheres, possibilitará uma análise crítica de dentro para fora, ou seja, a partir da experiência e das condições postas a/às fundadora(s) das casas editoriais, como e o que fazem para ultrapassar as limitações impostas pelo sistema capitalista, patriarcal, racista e colonial em que nós, pessoas que vivemos em Abya Yala, estamos submetidas. Quais rupturas e contribuições essas casas editoriais produzem/experimentam?

Para este trabalho, apontarei traços iniciais dessa perspectiva. Começemos por apresentar as selecionadas e uma breve análise a partir de seus catálogos e de como se apresentam em seus respectivos *sites* e/ou redes sociais.

APRESENTAÇÃO DAS CASAS EDITORIAIS E BREVE ANÁLISE

As editoras inicialmente selecionadas para este trabalho têm os seguintes pontos em comum: 1. foram fundadas e são dirigidas exclusivamente por mulheres; 2. foram fundadas a partir dos anos 2000; 3. publicam, se não exclusivamente, como é o caso da Luas, Macabéa e El mismo mar, majoritariamente livros escritos por mulheres; 4. tem uma preocupação com texto e estética feministas; entre outros. Farei aqui uma breve apresentação de cada uma, a partir do que está posto nos respectivos *sites* – exceto a El mismo mar ediciones que está temporariamente com o *site* desativado, por isso colhi informações em seu Instagram (que para muitas editoras pequenas funcionam como um *site*, visto que não só usam a plataforma para divulgarem livros, produções e atividades, como também é um canal de comunicação com leitoras/es e clientes, bem como um canal de vendas).

Editora Luas (Belo Horizonte/MG – Brasil)

Apresentação: *Site*: “A Editora Luas é um projeto editorial feminista [...] Nasce a partir de um anseio individual e coletivo por textos literários e teóricos/não ficcionais escritos por mulheres. A Luas é uma editora ambiciosa e audaciosa, dessas que sente, e sabe, o peso do silenciamento dado há tanto tempo a nós, mulheres, por isso tem um projeto editorial feminista que publica exclusivamente livros escritos por mulheres (cis e trans) e busca trabalhar preferencialmente com mulheres também”.

Ano de fundação: 2019.

Fundadora: Cecília Castro (feminista, ativista).

Catálogo: 15 títulos (literatura contemporânea, não ficção, Coleção Precursoras, selo infantil) de livros e 3 manifestos feministas (arquivo digital, edição bilíngue, acesso gratuito).

Temas: Ecofeminismos, lesbofeminismos, imprensa feminista, obras de escritoras brasileiras do séc. 19 e 20, estudos dos corpos de mulheres com útero, parto, sexualidade, matrística, antropologia feminista, entre outros.

Coleções: Coleção Precursoras – resgate de obras de autoras brasileiras do séc. 19 e 20 com estudo e notas de uma pesquisadora contemporânea.

Site: Sobre, catálogo, autoras, loja, blog (entrevistas, colunas, notícias), colaboradoras (divulgação das profissionais).

Macabéa edições (Rio de Janeiro/RJ – Brasil)

Apresentação: *Site:* “o direito ao grito – Fundada em 2017, a Macabéa edições propõe-se a publicar obras de mulheres e sobre mulheres, em uma perspectiva ampla: trabalhos de ficção e não ficção, em todos os gêneros textuais, que tragam uma expressão da mulheridade, por meio de protagonismo, vivência ou ponto de vista.

Após um período de reestruturação, a iniciativa, que começou como um selo de um grupo editorial, retorna agora como editora independente para que sua atuação seja ainda mais afinada com sua proposta política, evidenciando o protagonismo feminino em cada etapa do processo de criação literária e acadêmica, edição e publicação, em contato ainda mais íntimo com suas autoras e livre, inclusive, para flexibilizar propostas editoriais, sem ter de atender a interesses diversos”.

Ano de fundação: 2019 (como editora independente / 2017 – como selo de outra editora).

Fundadoras: Bianca Garcia (poeta), Thayssa Martins e Viviane Marques.

Catálogo: 16 títulos (poesia e teoria literária).

Temas: Teoria literária, poéticas feministas.

Coleções: não se aplica.

Site: Sobre, loja, blog com entrevistas, resenhas de livros.

El mismo mar ediciones (Buenos Aires – Argentina)

Apresentação: Instagram bio: Casa editorial feminista antirracista; Destaque/stories: “Editar, editamos. Dar corpo, damos. Uma editora una e múltipla: que funciona como uma oficina, que guarda, valoriza e partilha como um museu, que floresce e frutifica como um pedaço de terra, que mistura, combina e explora como um laboratório, que embala e protege como um par de braços, mas acima de tudo e ao mesmo tempo, que projeta e materializa desejos de todes e para todes”.⁶

⁶ Trecho original: “Editar, editamos. Acuerpar, acuerpamos. Una editorial que sea una y múltiple: que trabaje como en un taller, que guarde, atesore e comparta como un museo, que florezca y frutifique como

Ano de fundação: 2020.

Fundadora: Karina Bidaseca (poeta, ativista, pesquisadora, professora da UBA) e Kekena Corvalan (artista, pesquisadora, escritora).

Catálogo: 12 títulos (literatura, não ficção).

Temas: estéticas feministas, poéticas feministas, educação, feminismo decolonial, sexualidade, arte e feminismos, diáspora africana, entre outros.

Coleções: Colección Peregrinas, Antologías e Ancestras.

Site: temporariamente desativado.

La mariposa y la iguana (Buenos Aires – Argentina)

Apresentação: Site: La editorial – Nasce em 2009, na cidade de Buenos Aires, quando ainda não existia a lei do casamento igualitário, nem a identidade de gênero, nem a visibilidade das múltiplas formas de amor ou identidade. La mariposa y la iguana tem um catálogo especializado em literatura atual, principalmente poesia, e, como categoria transversal, que abrange de forma não exclusiva, os diferentes gêneros e coleções; pondera-se a temática LGBTTIQNB+.

[...]

Escolhemos, corrigimos, modelamos, projetamos, traduzimos. Pensamos o editorial como um suporte para a circulação de novas vozes e conteúdos, um meio para correr as margens, habitar e possibilitar novos dizeres. [...].⁷

Ano de fundação: 2009.

Fundadoras: Dafne Pidemunt e Leticia Hernando (poetas e ativistas lésbicas).

Catálogo: mais de 60 títulos (conforme catálogo de 2022 disponibilizado no site), dividido em três coleções (literatura atual, ensaios e clássicos).

Temas: dissidência corporal e sexual, patriarcado, educação, sexualidade, lésbicanismo, parto, revolução e mulheres, memórias, entre outros.

Coleções: Literatura actual, Ensayos, Clásicos.

un pedazo de tierra, que mezcle, combine y explore como un laboratorio, que acune y proteja como un par de brazos, pero sobre todo y a la vez, que proyecte y concrete deseos de todes y para todes”.

⁷ Trecho original: “Nace en el año 2009, en la ciudad de Buenos Aires, cuando aún no existían ni la ley de matrimonio igualitario, ni la de identidad de género, ni una visibilización de las múltiples formas amorosas ni identitarias. La mariposa y la iguana tiene un catálogo especializado en literatura actual, principalmente poesía, y como categoría transversal, que recorre de un modo no exclusivo, los distintos géneros y colecciones; se pondera la temática LGBTTIQNB+. [...] Eligimos, corrigimos, maquetamos, diseñamos, traducimos. Pensamos la editorial como un soporte para la circulación de nuevas voces y contenidos, un medio para correr los márgenes, habitar y habilitar nuevos decires. [...]”.

Site: Sobre, catálogo, livrarias parceiras, loja.

Após conhecermos um pouco as casas editoriais aqui selecionadas, podemos inferir algumas reflexões interessantes, em perspectivas individuais e comparativas. Pelo andar inicial da pesquisa, ainda não é possível aprofundar nas análises, que acontecerá principalmente após as entrevistas, entretanto suscitaremos aqui algumas observações iniciais.

A primeira delas é que a Editora Luas (Brasil) e El mismo mar ediciones (Argentina) são as que apresentam um discurso feminista explícito e forte em *site* e redes, tendo também várias de suas publicações voltadas para a teoria feminista e/ou que tenham uma perspectiva feminista em diversas áreas do conhecimento. Em seus catálogos, encontramos produções que trazem discussões atuais sobre ecofeminismo, lesbianismo, decoloniadade, antirracismo, patriarcado, entre outros. Em seus perfis de redes sociais, vimos também que ambas as editoras têm uma preocupação em promover encontros com autoras, pesquisadoras, feministas para discussões aprofundadas de temáticas feministas atuais, a partir de suas publicações e assuntos afins – no caso da Editora Luas, ela tem um canal no YouTube com diversas *lives* nesse sentido, com feministas históricas como Margareth Rago e Norma Telles.

Macabéa ediciones e La mariposa y la iguana têm um catálogo majoritariamente de poesia contemporânea, mas apresentam também títulos que contribuem para uma discussão feminista atualizada – no caso da Macabéa, até o momento, trouxe livros voltados para a crítica literária, sob uma perspectiva feminista; enquanto que La mariposa y la iguana, por ter um catálogo mais numeroso, claro, apresenta uma maior diversidade de temas críticos sob uma perspectiva feminista – parto, feminismo da diferença, educação libertária, psicanálise sob a perspectiva feminista, entre outros.

Para além da publicação de livros, La mariposa y la iguana criou um projeto interessante intitulado “Iguana de papel”, em que são publicados pequenos textos em papel para terem formato especial a partir da técnica de origami – a maioria dos textos publicados são de mulheres. Este pequeno livro-objeto é chamado por elas de *librorigami*. A Macabéa traz em seu blog diversas resenhas escritas por mulheres de livros de autoras, inclusive feministas, com objetivo de divulgar a produção de escritoras, não só que publicam na casa, além de trazer poemas, contos e prosa poética de várias autoras, ensaios, discutindo assuntos feministas, e entrevistas.

Em termos de materialidade, todas apresentam principalmente livros impressos em formato tradicional. A Editora Luas também traz manifestos em formato digital e *La mariposa y la iguana os librorigamis*.

As quatro editoras participam de feira de livros e impressos independentes em seus respectivos países, conforme demonstra suas redes sociais. Com as casas editoriais da Argentina, percebemos, em diversos momentos, a junção de editoras pequenas para participação coletiva em algumas dessas feiras. No Brasil, a Editora Luas também fez esse movimento, junto às editoras Quintal edições e Dita Livros, em 2022, para participar da A Feira do Livro, de São Paulo. Esse é um modo de tornar possível a participação de pequenas editoras em eventos cujo valor da inscrição ficaria pesado para cada uma, mas unindo, elas conseguem pagar e, assim, dividem um espaço para exposição e vendas.

Nas quatro editoras selecionadas para este trabalho, percebe-se uma preocupação em ser um espaço prioritário para a voz das mulheres, suas poéticas, narrativas, artes, pensamentos e trazer temáticas disruptivas, preocupadas em agir no campo editorial para transformar, ou seja, escolheram a edição como uma práxis feminista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do que foi exposto, podemos perceber a participação e contribuição dessas editoras para um processo coletivo de descolonização de Abya Yala – que é muito complexo e abrange diversos aspectos de uma sociedade, político, econômico, cultural, linguístico etc. Pensar numa prática editorial feminista seria uma das frentes de ação para a transformação social, política e cultural atual. Afinal, os livros publicados por elas atingem suas comunidades leitoras próximas, inclusive acadêmica, contribuindo assim para mudanças no pensamento, na crítica, na prática, no fazer artístico contemporâneo. Além disso, essas editoras movimentam ações sociais artísticas e políticas em seu fazer editorial, promovendo eventos, projetos para além da publicação de livros.

REFERÊNCIAS

A MACABÉA edições. **Macabea edições**. Disponível em: <https://www.macabeaedicoes.com/sobre>. Acesso em: 2 ago. 2023.

CATÁLOGO. **Editora Luas**. Disponível em: <http://editoraluas.com.br/catalogo/>. Acesso em: 3 ago. 2023.

CATÁLOGO editorial 2022. **Issuu**. Disponível em: https://issuu.com/escuelartivismos/docs/catalogo_el_mismo_mar_pptx. Acesso em: 2 ago. 2023.

CATÁLOGO. **La mariposa y la iguana**. Disponível em: <https://lamariposaylaiguana.com.ar/catalogo/>. Acesso em: 2 ago. 2023.

CELENTANI, Francesca Gargallo. **Feminismos desde Abya Yala**. Ideas y proposiciones de las mujeres de 607 pueblos en nuestra América. Ciudad de México: Editorial Corte y Confección, 2014.

EL MISMO mar ediciones. Instagram: @elmismomarediciones. Disponível em: <https://www.instagram.com/stories/highlights/17890966555750363/>. Acesso em: 4 ago. 2023.

LUGONES, María. Colonialidade e gênero. *In*: HOLLANDA, Heloisa Buarque (org.). **Pensamento feminista hoje**. Perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. **Revista Estudos Feministas**, v. 22, n. 3, p. 935–952, set. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/36755>. Acesso em: 14 abr. 2023.

MUNIZ, Diva do Couto Gontijo. Feminismos, epistemologia feminista e História das Mulheres: leituras cruzadas. **OP SIS**, Goiânia, v. 15, n. 2, p. 316–329, 2015. DOI: 10.5216/o.v15i2.34189. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/Opsis/article/view/34189>. Acesso em: 12 abr. 2023.

O DIREITO ao grito. **Macabea edicoes**, 16. nov. 2019. Disponível em: <https://www.macabeaedicoes.com/post/o-direito-ao-grito>. Acesso em: 5 ago. 2023.

PICHARDO, Ochy Curiel. Hacia la construcción de un feminismo descolonizado. *In*: CORREAL, Diana Gómez; MIÑOSO, Yuderkys Espinosa; MUÑOZ, Karina Ochoa (orgs.). **Tejiendo de otro modo**: Feminismo, epistemología y apuestas descoloniales en Abya Yala. Popayán: Editorial Universidad del Cauca, 2014.

RAGO, Margareth. **A aventura de contar-se**. São Paulo: Editora Unicamp, 2013.

RIBEIRO, Ana Elisa. **Subnarradas**: mulheres que editam. Copenhague / Rio de Janeiro: Zazie Edições, 2020.

SOF. Sempreviva Organização Feminista. Desafios feministas para enfrentar o conflito do capital contra a vida – nós mulheres seguimos em luta! SOF, São Paulo, 2017. Disponível em: <https://www.sof.org.br/wp-content/uploads/2018/01/Portugue%CC%82s-web.pdf>. Acesso em: 14 out. 2022.